

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

VIVIANE SOUZA SANTOS PEREIRA

JOVENS TRABALHADORES NO ENSINO SUPERIOR

**SÃO CRISTÓVÃO - SE
2014**

VIVIANE SOUZA SANTOS PEREIRA

JOVENS TRABALHADORES NO ENSINO SUPERIOR

Monografia de conclusão de curso, apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Veleida Anahí da Silva

SÃO CRISTÓVÃO

2014

VIVIANE SOUZA SANTOS PEREIRA

JOVENS TRABALHADORES NO ENSINO SUPERIOR.

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Veleida Anahí da Silva – Orientadora

Universidade Federal de Sergipe – Departamento de Educação

Prof^a. Dr^a. Ana Maria Freitas Teixeira

Universidade Federal de Sergipe – Departamento de Educação

Prof. Dr^a. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas

Universidade Federal de Sergipe – Departamento de Educação

SÃO CRISTÓVÃO

2014

Dedico esse trabalho a todos que contribuem com a minha formação. Os professores do curso de Pedagogia que me dão suporte teórico; a minha família e ao meu esposo que não me deixam desanimar e nunca duvidam da minha capacidade de superação e em particular, a minha filha que tem sempre um sorriso no rosto para renovar as minhas forças.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que possibilitou a realização desse trabalho. Também agradeço a professora Veleida Anahí pela orientação e a professora Ana Maria Freitas Teixeira pela oportunidade de conhecer e desenvolver pesquisa científica. A minha mãe que me dá suporte no cuidado com a minha filha, ao meu esposo e a minha filha que suportam minha ausência por conta dos dias e das noites dedicados aos estudos; sou muito grata. Aos colegas de curso que me concederam as entrevistas e a aplicação dos questionários, muito obrigada.

PENSAMENTO

“teoria pode significar um conjunto unificado de enunciados que ordenam e orientam a prática”
(REZENDE, 1979, p.25).

Resumo: A presença de jovens trabalhadores nas universidades é cada vez mais frequente. Sendo assim, vivem a difícil tarefa de conciliação entre o trabalho e os estudos. Neste sentido o nosso trabalho de conclusão de curso, buscou identificar e analisar as estratégias utilizadas pelos jovens estudantes que cursam Pedagogia noturno na Universidade Federal de Sergipe, para permanecer no ensino superior. Para tanto, traçamos o perfil desses jovens; além de buscarmos compreender como eles conciliam tais atividades pertinentes ao trabalho e aos estudos, além de pesquisarmos a respeito do que levou os nossos investigados a vivenciarem essa realidade combinada. Nossa pesquisa é predominantemente qualitativa, sendo assim servimo-nos de dois instrumentos metodológicos: questionários e entrevistas. Também, fizemos um levantamento bibliográfico, para melhor embasar nossas análises. Com a análise dos dados foi possível verificar que as jovens utilizam estratégias para permanecer no ensino superior. Concluímos que o esforço, determinação e o auxílio familiar, viabilizam tais estratégias. Contudo, esperamos que o nosso estudo, estimule outras investigações que tratem da juventude.

Palavras – chave: Ensino Superior - Jovens – Trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I – COMPREENDENDO A JUVENTUDE.....	10
1.1. As diferentes formas de conceber a juventude brasileira e os desafios enfrentados pelos jovens.....	11
1.2. O trabalho e a universidade na vida dos jovens	14
CAPÍTULO II – O CENÁRIO E O CAMINHAR DA NOSSA INVESTIGAÇÃO.....	17
2.1. Caracterização do campo de pesquisa.....	18
2.2. O nosso percurso investigativo.....	19
2.3. Desvelando os sujeitos investigados.....	20
CAPÍTULO III – OS RELATOS DAS JOVENS ACERCA DAS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA PERMANECER NO ENSINO SUPERIOR.....	24
3.1. Uma breve reapresentação da pesquisa, metodologia, população pesquisada no contexto das entrevistas.....	24
3.2. As alunas do curso de Pedagogia Noturno: como elas interpretam a sua vida cotidiana combinada entre trabalho e estudos	26
3.3. As alunas do curso de pedagogia: por que e para que construir estratégias para enfrentar as dificuldades na universidade?.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	33
ANEXOS.....	36
Questionário.....	37
Termo de compromisso.....	38
Roteiro de entrevista.....	40

INTRODUÇÃO

Historicamente tornar-se adulto implica concluir os estudos; manter-se pelo próprio trabalho; deixar a casa dos pais tornando-se responsável ou co-responsável pela moradia; casar e ter filhos. Entretanto, é importante observar que a condição juvenil distingue-se por não haver uma linearidade neste processo, devido ao aumento do tempo de estudo e o retardamento para se tornar um trabalhador com autonomia e independência social.

Todavia a falta de linearidade juvenil é que traz à tona a importância de focar nossa pesquisa, na compreensão dos jovens que não podem viver exclusivamente a juventude em sua plenitude de direitos, pertinente a essa fase de construção até tornarem-se adultos. Pois, essa construção juvenil ocorre simultaneamente com o exercício do trabalho antes mesmo da profissionalização.

A escolha do tema desse trabalho de conclusão de curso de graduação surgiu da convivência com jovens que trabalham, e cursam Pedagogia à noite na Universidade Federal de Sergipe. E também da experiência como bolsista de iniciação científica, pois, ao desenvolver o trabalho de pesquisa; tive a oportunidade de estudar sobre a juventude, e assim pude perceber que é uma categoria instigante, por não haver uma única maneira de ser jovem, uma vez que, embora possuam a mesma idade, podem vivenciar de forma diferente esse momento da vida. O trabalho é um fator que evidencia essa diferença, porque enquanto uns só estudam, outros vivenciam a dupla tarefa de conciliar os estudos com o trabalho.

Os jovens que não trabalham certamente dispõem de tempo para vivenciar a juventude em sua plenitude, de descobertas e construção, enquanto sujeitos que são cada vez mais exigidos pela sociedade, que requer profissionais bem instrumentalizados para o mercado de trabalho. Diante desse panorama os jovens são obrigados a desempenhar uma dupla jornada: de estudantes e trabalhadores para dar continuidade aos estudos.

É nesse contexto que emergiu a pergunta: “será que os jovens trabalhadores do curso de Pedagogia noturno da Universidade Federal de Sergipe utilizam estratégias para permanecer no ensino superior”? Sendo o objetivo central desta pesquisa, identificar e analisar as estratégias utilizadas por esses jovens, para permanecer no ensino superior. Para tanto, é imprescindível, traçarmos o perfil desses jovens para desvelarmos aqueles que trabalham; além de compreendermos como conciliam o trabalho com os estudos e entendermos o que os levou a vivenciarem essa realidade dividida entre o trabalho e os estudos.

Ao nos indagarmos acerca da existência de estratégias, refletimos sobre o pressuposto colocado por Mintzberg (2003), sobre Estratégia. No seu entendimento trata-se da forma de pensar no futuro, integrada no processo decisório, com base em um procedimento formalizado e articulador de resultados. Sendo assim, partimos dessa pergunta norteadora observando esses elementos colocados pelo autor mencionado, no delineamento das ações traçadas pelos jovens que vivenciam a dupla tarefa de conciliação entre estudos e trabalho.

Esta pesquisa é relevante, porque ao identificar as estratégias utilizadas pelos jovens trabalhadores para conseguir conciliar estudo e trabalho para permanecer no ensino superior, podemos refletir a respeito da realidade que circunda os jovens estudantes que adentram a universidade. De acordo com Charlot “[...] entrar na universidade já não é apenas um sonho, tornou-se uma obrigação para quem ambiciona “ser alguém”, ter uma “boa vida”, um trabalho digno e respeitado, os recursos para sustentar sua família sem viver na angústia da penúria financeira” (2011, p.8).

No desenvolvimento da nossa pesquisa inquiremos alguns autores para ampliarmos nosso conhecimento sobre o tema em questão. Para tanto consultamos dentre eles: CHARLOT (2006, 2011) por ser um estudioso da juventude e debruçar-se sobre estudos que abordam a relação dos jovens estudantes com o trabalho; CORROCHANO (2008) faz uma análise e nos traz dados acerca da realidade que circunda os jovens que estudam e trabalham; SPÓSITO (2000) trazem-nos as suas contribuições acerca das noções de juventude no cenário brasileiro e FREITAS (2005) que levanta alguns pontos que definem a Juventude.

Nosso trabalho está dividido em três capítulos: no primeiro tratamos da nossa compreensão acerca da juventude, no segundo abordamos o cenário e o caminhar da nossa pesquisa e por fim no terceiro capítulo, expomos os relatos dos jovens acerca das estratégias utilizadas para permanecer no ensino superior.

CAPÍTULO I – COMPREENDENDO A JUVENTUDE

Buscando traçar o perfil dos estudantes trabalhadores do curso de Pedagogia Licenciatura Noturno da UFS (Universidade Federal de Sergipe); bem como identificar e analisar as estratégias utilizadas por eles; compreender como conciliam o trabalho com os estudos e entender o que os motivou a vivenciarem essa realidade dividida entre essas duas ocupações; é preciso desvelar tais estratégias, além de compreendermos as concepções de juventude e sua relação com o trabalho.

Segundo Freitas (2005) a juventude pode ser definida como: “[...] uma faixa etária, um período da vida, um contingente populacional, uma categoria social, uma geração” (p.6). Spósito (2000) conceitua juventude como “um momento do percurso de vida capaz de reter sua peculiar forma de vivê-lo e menos como mera etapa preparatória para a vida adulta (p.12)”.

No Brasil há um grande número de jovens inseridos no mercado de trabalho. Estes sujeitos desdobram-se entre as tarefas que desempenham no trabalho e na instituição em que estudam. Ao conciliarem estudo e trabalho, estes jovens se diferem dos demais que embora sejam contemporâneos, só estudam. Portanto, podem se dedicar exclusivamente aos estudos e aproveitar o tempo da juventude sem as obrigações trabalhistas peculiares aos adultos.

1.1. As diferentes formas de conceber a juventude brasileira e os desafios enfrentados pelos jovens¹.

No Brasil há diferentes visões sobre a juventude, ligadas a perspectivas políticas distintas. Para a sociedade moderna ocidental a juventude é uma fase do ciclo de vida que começa no final da infância e se estende até a maturidade. Sendo assim, a sociedade moderna categorizou a juventude para delimitar os valores dos jovens e uma fase em que eles passam por um processo de transição que os prepara para a vida adulta. A necessidade de mão de obra especializada que emergia junto com a modernidade, implicou a divisão dos grupos por idade, e a escola era a instituição responsável pela tarefa de reger os comportamentos para prepará-los para exercer suas funções dentro da sociedade adulta.

Segundo Groppo (2000 apud PAULO, 2011, p.60) “a criação da instituição escola é responsável pela demarcação de fases da vida, na qual o sujeito será isolado, separado do convívio com os adultos, até serem disciplinados para a vivência da outra fase: a fase adulta”. A chegada da modernidade culminou em uma produção de massa, levando a uma consciência da necessidade de separar as idades, sobretudo para atender as exigências do mercado de trabalho.

¹ Vale destacar que o item 1.1 do capítulo I é parte do texto do meu relatório desenvolvido como bolsista de iniciação científica, à partir do desenvolvimento do plano de trabalho “Jovens do rural: trajetórias escolares rumo ao ensino superior: o caso de jovens oriundos do mundo rural” vinculado ao Projeto de Pesquisa intitulado Juventude Rural e o Ensino Superior sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Ana Maria Freitas Teixeira. Ressaltamos que o uso desse texto foi devidamente autorizado por ela.

Em geral, essa fase inicia-se com as mudanças físicas da puberdade, associadas às mudanças intelectuais e emocionais, e termina com a inserção no mundo adulto. Historicamente tornar-se adulto implica concluir os estudos; manter-se pelo próprio trabalho; deixar a casa dos pais tornando-se responsável ou co-responsável pela moradia; casar e ter filhos. Entretanto, é importante observar que a condição juvenil distingue-se por não haver uma linearidade neste processo, devido ao aumento do tempo de estudo e o retardamento para se tornar um trabalhador com autonomia e independência social. Assim, enquanto os psicólogos usam o termo adolescência quando se referem a essa fase da vida, os sociólogos empregam o termo juventude.

Evidenciar e considerar a heterogeneidade dos jovens, ganha nexos a partir da compreensão que juventude é uma construção social que varia de uma sociedade para outra ou até na mesma sociedade. Trata-se de uma construção histórica à medida que se adequa a condições sociais próprias das mudanças ocasionadas pelo surgimento do capitalismo e de uma construção cultural por haver variações culturais ao longo do tempo. A juventude também é entendida como uma classificação etária que varia de acordo com os contextos sociais e os objetivos com que se deseja utilizar desta condição, mas a idade não é um critério suficiente para analisar o jovem. Contudo, a definição de limites etários é necessária para evitar homogeneizar os jovens e os adolescentes.

O cotidiano é outro fator que influi diretamente para a heterogeneidade da juventude. Mesmo pertencendo à mesma geração os jovens vivem em realidades diferentes, desta forma apresentam características próprias, conseqüentemente são necessárias políticas que atendam suas especificidades, enquanto sujeitos que não vivem somente um período de espera e preparação para exercer suas funções na sociedade. A individualidade, a família, a sociedade, a cultura e a trajetória estabelecida influenciam diretamente as características do período juvenil marcado pela construção da identidade. “Além disto, busca-se o reconhecimento de um si mesmo nos outros que sejam significativos ou que se percebam com características que se desejaria possuir e que estejam na mesma etapa de vida” (LEÓN, 2005, P.14). Assim, compõe-se a identidade geracional, que não se manifesta da mesma maneira entre os jovens, pois, a diversidade é a principal característica da juventude.

Apesar das políticas voltadas à preparação para o mundo adulto estarem ligadas à educação, assegurando um direito universal por parte do Estado, essa perspectiva não engloba os jovens em suas especificidades diante das desigualdades e diferenças que vivem, e também não os visualiza como sujeitos sociais da atualidade, pois a preparação em especial para o

trabalho é determinante para o futuro deles. Após serem estigmatizados como problema quando da eminência de ameaçar a ordem social, e mobilizar os setores da saúde, justiça ou segurança social a partir da discussão de vulnerabilidade a que são expostos, os jovens avançam no reconhecimento das suas capacidades quando desafiados pelas mudanças produtivas. Entretanto, dependendo da formação educacional a que tenham acesso e das competências exigidas pelo mundo do trabalho podem ser excluídos.

No Brasil entende-se, em geral, a juventude como um período de desenvolvimento pessoal e social com isso os jovens deixam de ser estigmatizados como incompletos, e passam a assumir o papel de sujeitos sociais dotados de direito. Porém, ainda não conseguiram um documento para demarcar seus direitos que diferem dos demais segmentos a exemplo do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) que consolida os direitos dos adolescentes. Embora tal processo de reconhecimento esteja apenas começando no país, segundo Abramo “esta tem sido a perspectiva mais profícua para avançar no estabelecimento de políticas universais que atendam, da forma mais integral e ao mesmo tempo diversificada, às necessidades dos jovens, assim como às suas capacidades de contribuição e participação” (2005, p.22). Embora não atendam plenamente às exigências do capitalismo que demanda cada vez mais profissionalização e escolaridade mais elevada; o número de jovens que trabalha é significativo.

A integração do jovem à sociedade está condicionada a um bom desempenho escolar e a inserção no mercado de trabalho. Pois, “para quase 40% dos jovens, o trabalho é uma necessidade” (CORREA, 2008, p. 13) que os impulsiona a aceitarem empregos em condições precárias. A escolaridade e a renda dos pais refletem na precariedade ou sucesso das condições de trabalho dos jovens. Os que são oriundos de famílias com baixa renda e poucos anos de estudo se submetem a trabalhos precários; enquanto que os de origem familiar provida de capital cultural e econômico possuem melhores salários.

O desemprego é um dos problemas que atinge, cada vez mais, os jovens brasileiros, devido à impossibilidade de o Brasil suprir a demanda por formação profissional, de modo a possibilitar a inserção dos jovens no mercado de trabalho. Mesmo com a democratização do ensino, uma minoria tem acesso às universidades públicas. Isso exige dos jovens brasileiros o enfrentamento de desafio maior na dita sociedade do conhecimento.

Por outro lado, a massificação da cultura possibilita ao jovem modificar a herança: econômica, cultural e social que recebe da família, pela religião ou pelos valores morais dos pais. Em contrapartida, o consumismo estimulado pela cultura de massa provoca um aumento

do número de jovens que cada vez mais se insere no mercado de trabalho, como meio de suprir as suas necessidades. Assim, frente à variedade e valorização de opções e de consumo, o jovem de baixa renda vê aprofundar o distanciamento entre o querer e o poder comprar.

1.2. O trabalho e a universidade na vida dos jovens

O trabalho ocupa um lugar significativo na vida dos jovens. Os dados coletados por Corrochano em sua pesquisa realizada em 2006 nos “[...] revela que 35.940.374 de indivíduos (66%) da população jovem de 14 a 29 anos estão no mundo do trabalho, trabalhando ou em busca de trabalho” (2008, p.18). Destes, “8,4 milhões (15,4%), fazem uma combinação entre o trabalho e os estudos” (idem, p.34).

Desta feita, é imprescindível tratarmos da categoria trabalho. Giordano (2000, p. 46) diz que: “[...] O trabalho pode ser entendido como uma atividade cujo produto é um objeto exterior e, neste, o homem produz os objetos necessários a si mesmo e a sua sobrevivência”, Araújo (2009, p. 48) informa que “[...] o trabalho parece ter invadido todos os poros da vida, ocupando parte do tempo e das preocupações do trabalhador.” Ao tratar do tema trabalho a autora Suzana Albornoz (2008, p.9) coloca que, “[...] no dicionário aparece em primeiro lugar o significado de aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar determinado fim; atividade coordenada de caráter físico ou intelectual, necessária a qualquer tarefa, serviço ou empreendimento; exercício dessa atividade como ocupação permanente, ofício, profissão”. A autora acrescenta que:

“[...] O trabalho do homem aparece cada vez mais nítido quanto mais clara for a intenção e a direção do seu esforço. Trabalho nesse sentido possui o significado ativo de um esforço afirmado e desejado, para a realização de objetivos; onde até mesmo o objetivo realizado, a obra, passa a ser chamado trabalho. Trabalho é o esforço e também o seu resultado: a construção enquanto processo e ação, e o edifício pronto (ALBORNOS, 2008, p.11).”

A expansão do acesso ao ensino superior público tem refletido no aumento da inserção dos jovens na universidade. Sendo assim, cresceu o número de jovens de origem popular que embora já estejam no mercado de trabalho, almejam melhores condições de trabalho, a partir de um prolongamento dos estudos e, por conseguinte uma formação profissional. Conforme Spósito (2005, apud CORROCHANO et al, 2008, p.10) “[...] para os jovens brasileiros, escola e trabalho são projetos que se superpõem ou poderão sofrer ênfases diversas de acordo com o momento do ciclo de vida e as condições sociais que lhes permitam viver a condição juvenil.”

A inserção precoce no mercado de trabalho gera uma submissão dos jovens a empregos e salários inferiores aos dos adultos. De acordo com Charlot (2011, p.8) “Nos países “desenvolvidos”, até quem tem ensino médio completo mais sem estudos superiores ou diploma de formação profissional, encontra dificuldades para conseguir um emprego”. Tal consideração reafirma a necessidade dos jovens em questão, darem continuidade aos estudos. Zago ressalta que:

O ensino superior representa para esses estudantes um investimento para ampliar suas chances no mercado de trabalho cada vez mais competitivo, mas, ao avaliar suas condições objetivas, a escolha do curso geralmente recai naqueles menos concorridos e que, segundo estimam, proporcionam maiores chances de aprovação (2006, p.231).

Essas chances vislumbradas pelos jovens, que estão envolvidos na atual conjuntura da sociedade brasileira, resultante do aumento da demanda de formação profissional, inquirida pela industrialização e urbanização, exigem mudanças na universidade. Ao abordarmos essa demanda, é necessário fazermos um breve histórico de como surgiu a universidade. Para tanto Charlot (2011) nos traz sua contribuição:

[...] Nascida no século XII na Europa e tendo atravessado os séculos sem grandes mudanças, a universidade era um lugar prestigioso onde se transmitiam e, às vezes, se geravam, os mais altos conhecimentos produzidos pelo espírito humano [...] as universidades acolhiam, também uns poucos filhos de funcionários públicos, comerciantes e até ricos agricultores, mas eram raros – e eram ausentes ou, mais tarde, pouco numerosas as mulheres. [...] Esse modelo sofreu o abalo dos anos 60, em especial em 1968. Com o desenvolvimento econômico e o aumento da demanda por profissionais com alto nível de formação [...] ela acolheu novos estudantes: adultos, jovens trabalhando para custear os seus estudos, universitários oriundos das classes populares- e cada vez mais mulheres (p.7-8).

Como podemos perceber antes, a universidade era direcionada a formação dos filhos da elite, com o propósito de formá-los para ocupar cargos de prestígio social, e atualmente possui uma clientela filha de trabalhadores, que precisam sustentar-se enquanto estudam. Embora possuam a mesma faixa etária, ser jovem muda a depender do meio social ao qual estão inseridos. Segundo Guimarães:

Do ponto de vista de trabalho por certo, podemos falar de distintas formas de socialização profissional relativas aos diversos grupos de jovens, variados por sua origem social, regional, étnica, ou mesmo por sua condição de gênero ou seu capital escolar. “Juventudes”, antes que “juventude”. Assim, sendo, esperaríamos que variassem as percepções, representações, pertencas, aspirações, interesses e comportamentos dessas diferentes “juventudes” (2008 p. 154).

A classe social é um fator que também determina “a inserção precoce no emprego formal ou “trabalho informal”, a natureza e as condições de trabalho e a remuneração” (FRIGOTTO, 2004, p.193). A ausência de políticas que ampare os jovens brasileiros que pertencem a classes sociais desfavorecidas economicamente e socialmente, filhos de trabalhadores que precisam prover pelas suas necessidades principalmente econômicas, de modo a garantir um prolongamento nos estudos, para que os jovens se profissionalizem, os levam a enfrentar uma realidade que consiste na conciliação entre estudo e trabalho. Essa combinação é uma alternativa para esses jovens buscarem, melhores condições de trabalho, principalmente salarial, e assim adentram a universidade, almejando a conquista de uma profissão que lhes proporcione uma realização profissional e financeira.

Essa realidade árdua para muitos jovens, muitas vezes ocorre de forma precária uma vez que assumem um trabalho para manter-se na universidade e suprir suas necessidades pessoais em detrimento de uma boa formação. A falta de formação também é um agravante na inserção desses jovens no mercado de trabalho que depois do capitalismo, passou a exigir cada vez mais mão de obra especializada, e quando não se encontra essa especialização disponível, os jovens acabam assumindo funções com baixa remuneração, e uma carga horária que dificulta o seu bom desempenho na academia. Romanelli (1994 apud SOARES e SAMPAIO 2013, p.4) descreveu a vinculação existente entre o estudante e o trabalho de três maneiras como segue:

A primeira forma é o estudante em tempo integral, aquele que tem a sustentabilidade garantida pela família podendo assim dedicar-se apenas ao estudo; outra forma é o estudante-trabalhador, aquele que estuda e trabalha, mas que continua contando com o sustento familiar, estando mais envolvido com o estudo, pois é a partir dele que o seu futuro será planejado e o trabalhador-estudante que concilia estudo e trabalho, que não conta com a sustentabilidade financeira familiar e colabora financeiramente neste orçamento, sendo a atividade profissional fator de grande importância e o estudo uma contingência que pode contribuir para a eventual melhoria profissional e financeira.

Tal descrição nos mostra o quanto a classe social interfere na realidade dos jovens, enquanto uns podem se dedicar aos estudos e só posteriormente adentrar o mercado de trabalho, para outros o Trabalho vem antes da profissionalização causando um duplo empenho, por parte desses jovens que tem que conciliar essas duas tarefas: estudar e trabalhar. A importância do trabalho para os jovens foi revelada na pesquisa intitulada “Perfil da juventude brasileira”, citada por Guimarães (2004) realizada em 2003 pelo Instituto Cidadania, com jovens entre 15 e 24 anos, distribuídos em 198 municípios brasileiros, com o

objetivo de traçar o perfil da juventude brasileira. Os dados citados por Guimarães (2004) demonstraram o seguinte:

[...] o trabalho e o estudo são categorias importantes para esse público, pois, quando questionados sobre as piores coisas de ser jovem, 20% diz que é a falta de trabalho/renda. O emprego/ profissão aparece em 52% das respostas sobre os problemas que mais preocupam atualmente e a educação em 17% deles. Quando questionados sobre os assuntos que mais lhes interessam atualmente, a educação aparece em primeiro lugar com 38% da frequência de respostas, seguida pelo emprego/profissão com 37%.

O desejo de trabalhar dos jovens pode está atrelado à necessidade de manter-se sozinho e ajudar no orçamento familiar. Ainda segundo Guimarães:

O âmbito do trabalho é o *locus* da produção de bens e serviços e, simultaneamente, o *locus* da produção de ideias, de representações e simbolizações que informam e, vale dizer, são ambas condições de possibilidades, ao darem forma concreta à maneira de se organizar socialmente a produção de bens e serviços. Mais ainda, tal produção simbólica está, ela mesma, enraizada na vida social que transcorre dentro e fora dos espaços onde se tecem as relações sociais de trabalho (2004, P. 152)

A afirmação da autora Justifica o comportamento juvenil, que atribui ao trabalho, uma possibilidade de modificar a sua condição social e econômica no meio em que vive. Essa realidade coincide com os achados da pesquisa intitulada: “Jovens de Sergipe: como são eles, como vivem, o que pensam” realizada por Charlot (2006), que ao tratar da relação que os jovens sergipanos estabelece entre os estudos e o trabalho salientou que “[...] Não se deve esquecer de que o trabalho não é somente uma fonte de sustentação, mas é também um recurso social e subjetivo (p.288). Ele constatou em sua pesquisa que “cerca de 40% dos jovens sergipanos entre 15 e 29 anos estão trabalhando, 30% já trabalharam, mas não estão trabalhando e 30% nunca trabalharam” (idem,p.68). E concluiu: “[...] o trabalho é a chave de uma boa vida ”(idem, p.63).

CAPÍTULO II – COMPREENDENDO O CENÁRIO E O CAMINHAR DA NOSSA INVESTIGAÇÃO

Nossa pesquisa tem como campo investigativo a Universidade Federal de Sergipe, assim como, os sujeitos investigados, estudantes do curso de Pedagogia Noturno. Desta feita, é imprescindível situar os leitores acerca desse universo inserido no cenário sergipano. Ao tratar do universo da nossa pesquisa, abordaremos à seguir o decorrer da nossa investigação.

2.1. Caracterização do campo de pesquisa

A década de 50 foi marcada pelo aumento da escolarização superior no estado sergipano, fato esse que não ocorreu isoladamente em relação ao Brasil, tal como expõe Santos (1998):

[...] não foi fato isolado de um pequeno Estado do Nordeste, já que a década de 1950 é considerada marco do início do crescimento da escolarização superior no Brasil, reflexo de um contexto marcado pela redemocratização do país, pelo desenvolvimento industrial, crescimento populacional, urbanização e mudanças sociais (p.12).

Tais fatos impulsionaram a educação que acabou ganhando notoriedade na política sergipana. Ainda de acordo com Santos (1998):

Apesar do forte movimento em prol da Universidade e de Sergipe ser um dos poucos Estados da Federação brasileira que não tinha Instituição desse porte, os sergipanos tiveram que esperar mais de cinco anos pela sua criação. Instituída pelo decreto - Lei 269 de 28 de fevereiro de 1967, do então presidente da República, Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, sob a forma de fundação, a Universidade Federal de Sergipe só veio a ser instalada em 30 de abril de 1968, incorporando os bens móveis e imóveis das faculdades isoladas, além dos seus alunos, professores e técnicos administrativos (p.13).

É nessa universidade que “[...] desde cedo revelou sua importância para o ensino, a pesquisa e a extensão, expandindo os cursos, elevando o número das matrículas, ampliando o quadro docente e investindo na sua qualificação” (SANTOS, 1998, p.13) que estudam os nossos sujeitos investigados, que fazem parte do quadro de alunos do curso de Pedagogia. Conforme Freitas (et al. 1998), este curso,

[...] teve início no Brasil em 1939, como uma das seções fundamentais da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil [...] Eram necessários Três anos para a formação do bacharel em Pedagogia, que ficava habilitado a preencher os cargos técnicos em educação [...] o licenciado em Pedagogia era formado com mais um ano através da realização do Curso de Didática adicionado ao bacharelado (p.180).

Após vinte e oito anos, o curso de Pedagogia é criado em Sergipe no ano de 1967. Ainda segundo Freitas (et al, 1998):

[...] era destinado á formação de professores para o ensino normal, de administradores, orientadores, inspetores e outros especialistas que deveriam atuar no âmbito das escolas e sistemas escolares [...] Na década de 80, as Conferências Brasileiras de Educação e os Encontros Nacionais e Estaduais de Reformulação do curso de Pedagogia, as Associações e os Sindicatos buscaram traçar outros caminhos para a formação dos educadores (p.186).

Sendo assim, desde a década de 1980, o curso preconiza uma formação pautada na formação dos docentes, para atender a demanda da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental.

2.2. O nosso percurso investigativo

O presente estudo é respectivamente quantitativo e qualitativo. Sendo, que há uma preponderância qualitativa. Essa opção é mais conveniente para analisar uma amostra, sobre a qual fizemos uma reflexão do nosso objeto. Segundo Silva & Menezes (2000, p. 20):

[...] a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e atribuição de significados são básicos no processo qualitativo. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

Iniciamos nosso trabalho fazendo uma pesquisa bibliográfica. Para tanto inquirimos autores que tratam a temática abordada. De acordo com Laville e Dione (1999),

Fazer a revisão da literatura em torno de uma questão é, para o pesquisador, revisar todos os trabalhos disponíveis, objetivando selecionar tudo o que possa servir para pesquisa, no entanto deve estar atento a duas questões: a revisão da literatura refere-se ao estado da questão a ser investigada pelo pesquisador e a revisão da literatura não é uma caminhada pelo campo onde se faz um buquê com todas as flores que se encontra (p.112-113).

Sendo assim, aplicamos vinte e oito questionários, com o propósito de traçarmos o perfil dos nossos investigados. Os questionários foram respondidos por estudantes que cursam Pedagogia à noite em diferentes períodos. Posteriormente realizamos quatro entrevistas semi-estruturadas, com uma amostra composta por 4 estudantes do 10º período do curso noturno de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe. Sobretudo jovens que estudam e trabalham. Os questionários foram aplicados nas salas de aula antes de iniciar a aula da noite. Os mesmos foram aplicados nas salas de aula antes de iniciar a aula da noite. As alunas que responderam ao questionário foram solícitas. Somente uma das entrevistadas apresentou um pouco de resistência. Ela remarcou várias vezes o nosso encontro. As entrevistas foram realizadas com tranquilidade, com suas devidamente autorizadas para serem gravadas. A seguir temos um quadro com algumas informações sobre as nossas entrevistadas.

PERFIL DAS JOVENS ENTREVISTADAS

<u>IDENTIFICAÇÃO</u> <u>O</u>	<u>SEX</u> <u>O</u>	<u>IDADE</u> <u>E</u>	<u>ESTADO</u> <u>CIVIL</u>	<u>CURSO</u>	<u>SEMESTRE</u> <u>E</u>	<u>HORÁRIO</u> <u>DO</u> <u>CURSO</u>	<u>REDE DE</u> <u>ENSINO</u> <u>ONDE</u> <u>ESTUDOU</u> <u>O ENSINO</u> <u>FUNDAM..</u> <u>E MÉDIO</u>	<u>DESENVOLVE</u> <u>ALGUMA</u> <u>ATIVIDADE/TRABALHO</u>
Rita	F	23	Solteira	Pedagogia	10º	Noturno	Pública	Professora
Jane	F	23	Solteira	Pedagogia	10º	Noturno	Pública	Assistente administrativo
Almira	F	23	Solteira	Pedagogia	10º	Noturno	Pública	Atendente de criança autista
Geruza	F	26	Casada	Pedagogia	10º	Noturno	Pública	Cobradora de ônibus

Fonte: SOUZA 2014, monografia de graduação DED (Departamento de Educação).

Os sujeitos da pesquisa são jovens com até 29 anos de idade, porque “desde 2005, é considerado jovem, no Brasil, o cidadão ou cidadã com idade entre 15 e 29 anos, conforme a lei 11.129 de 3/6/2005 que criou a Secretaria Nacional de Juventude” (CORROCHANO et al, 2008, P. 10). Além de cursarem o último período do curso, serem trabalhadoras e atenderem os critérios para compor a amostra; a escolha também se deu pela disponibilidade dos entrevistados e pelo fato de estarem no ensino superior a mais tempo.

A escolha da entrevista como um instrumento de coleta deve-se, ao fato de ser uma técnica da pesquisa qualitativa que pode nos fornecer elementos e expressões corporais que nos permite ter uma dimensão do objeto em questão. Conforme Duarte:

[...] quando realizamos uma entrevista, atuamos como mediadores para o sujeito apreender sua própria situação de outro ângulo, conduzimos o outro a se voltar sobre si próprio; incitamo-lo a procurar relações e a organizá-las” (2004, p.220).

2.3. Desvelando os nossos sujeitos

Atendendo aos objetivos propostos, apresentamos dados que caracterizam o perfil geral dos nossos investigados. Apresentaremos a seguir o apontamento de dados expostos em alguns quadros, decorrentes da aplicação de vinte e oito questionários.

Quadro 1: Distribuição por idade e sexo dos 28 jovens estudantes

IDADE	FEMININO	MASCULINO	%
Menos de 20 anos	3	-	10,8
Entre 20 e 25 anos	13	-	46,4

Entre 25 e 30 anos	8	-	28,6
Entre 30 e 35 anos	4	-	14,2
Total	28	-	100

Fonte: SOUZA 2014, monografia de graduação DED (Departamento de Educação).

O quadro acima evidencia que os nossos investigados são todas jovens do sexo feminino, destes 46,4% possuem idade entre 20 e 25 anos.

Quadro 2: Distribuição por estado civil das 28 jovens estudantes

Solteira	22	78,6
Casada	6	21,4
Total	28	100%

Fonte: SOUZA 2014, monografia de graduação DED (Departamento de Educação).

No que se refere ao estado civil notamos que há uma predominância no número de jovens casadas (78,6%). Corrochano (2008) quando ela coloca que “[...] a posição de cônjuge é ocupada apenas por uma pequena minoria” (p.34).

Quadro 4: Distribuição das 28 jovens estudantes por semestre que cursam

2º período	5	17,85
4º período	5	17,85
6º período	5	17,85
8º período	5	17,85
10º período	8	28,6
Total	28	100%

Fonte: SOUZA 2014, monografia de graduação DED (Departamento de Educação).

Em relação ao semestre, há uma predominância no número de jovens que cursam o décimo período, totalizando 28,6%.

Quadro 5: Rede de ensino onde estudou o ensino médio

Pública	26	92,9
---------	----	------

Privada	2	7,1
Total	28	100%

Fonte: SOUZA 2014, monografia de graduação DED (Departamento de Educação).

Notamos que a maioria dos jovens pesquisados, 92,9% são oriundos da escola pública, e somente 7,1% são egressos de escola privada.

Quadro 6: Desenvolvimento de alguma atividade trabalhista

Sim	26	92,9
Não	2	7,1
Total	28	100%

Fonte: SOUZA 2014, monografia de graduação DED (Departamento de Educação).

Os dados acima demonstram uma consonância com os dados levantados por Corrochano (2008). Segundo o levantamento da autora “[...] uma proporção de 15,4 da população entre 14 e 29 anos, ou seja, 8,4 milhões de jovens informa trabalhar e estudar” (p.34). Essa conformidade nos revela uma proporção significativa de jovens que estão inseridos no mercado de trabalho, representando 92,9%, o quantitativo de jovens sergipanos que trabalham.

Quadro 7: Dependência financeira familiar

Sim	12	42,9
Não	16	57,1
Total	28	100%

Fonte: SOUZA 2014, monografia de graduação DED (Departamento de Educação).

Podemos perceber pela porcentagem apresentada, que há um equilíbrio entre os jovens que dependem financeiramente da família, notamos assim, uma proporção de 42,9% de jovens que desfrutam do auxílio familiar, contra 57,1% de jovens que não dependem da renda familiar.

Quadro 8: Escolaridade da mãe e do pai

	Mãe	%	Pai	%
Analfabeta	1	3,6	2	7,1
Ens. Fundam. incompleto	13	46,4	12	42,9
Ens. Fundam. completo	3	10,7	5	17,9
Ens. Médio incompleto	1	3,6	0	0
Ens. Médio completo	7	25,0	4	14,3
Ens. Superior Incompleto	3	10,7	1	3,6
Ens. Superior completo	0	0	2	7,1
Não tem pai	0		2	7,1
Total	28	100	2	100

Fonte: SOUZA 2014, monografia de graduação DED (Departamento de Educação).

Em relação a escolaridade da mãe, podemos constatar que há uma predominância do Ensino fundamental incompleto, totalizando 46,4% , seguido pelo Ensino médio completo, revelado por 25% dos jovens que responderam o questionário. Também podemos perceber que nenhuma mãe possui nível superior.

No que concerne à escolaridade do pai, as maiores proporções estão em primeiro lugar no ensino fundamental incompleto com 42,9%; em segundo o Ensino fundamental completo com 17,9% e em terceiro o ensino médio completo, com 14,3% confirmações. Em relação à escolaridade do pai observamos um percentual de 3,6% de pais que ingressaram no ensino superior, porém ainda não foi concluído e um percentual de 7,1% que concluiu a graduação.

Quadro 9: Classe social familiar

Alta	0	0
Média	5	17,9
Média alta	0	0
Média baixa	23	82,1

Pobre	0	0
Total	28	100%

Fonte: SOUZA 2014, monografia de graduação DED (Departamento de Educação).

Decerto, a classe social é um fator que também determina “a inserção precoce no emprego formal ou “trabalho informal”, a natureza e as condições de trabalho e a remuneração” (FRIGOTTO, 2004, p.193). Podemos constatar no quadro acima essa afirmação. Porque há um predomínio do número de jovens trabalhadores pertencentes à classe média baixa (82,1%) e a média (17,9%) que estão cursando o ensino superior e, por conseguinte, desdobram-se para executar a dupla jornada entre as exigências inerentes ao mundo do trabalho e as responsabilidades pertinentes aos estudos.

Acreditamos que o perfil geral aqui exposto é parte significativa dos resultados da nossa investigação e nos traz elementos fundamentais para analisarmos os demais dados coletados com a realização de entrevistas.

CAPÍTULO III – OS RELATOS DAS JOVENS ACERCA DAS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA PERMANECER NO ENSINO SUPERIOR.

A partir da análise das quatro entrevistas realizadas com estudantes que atenderam aos nossos critérios, mencionados no nosso percurso investigativo, apresentamos a seguir, um conjunto de dados que nos revelam as estratégias utilizadas pelas jovens trabalhadoras, para permanecer no ensino superior. Em seguida, expusemos nossa compreensão acerca de como os nossos sujeitos da pesquisa conciliam os estudos com o trabalho, e também o nosso entendimento a respeito do que levou os jovens estudantes de Pedagogia a vivenciarem essa realidade dividida entre o trabalho e os estudos.

3.1. Uma breve reapresentação da pesquisa, metodologia, população pesquisada no contexto das entrevistas.

As entrevistadas efetivaram toda a escolarização em escolas públicas e cursam o último período. Ambas cursam Pedagogia Noturno. Com exceção de Geruza², que possui 26 anos de idade; as outras três estudantes ouvidas têm 23 anos. Rita e Almira optaram por um

² Atribuímos nomes fictícios às entrevistadas, para preservarmos o anonimato dos sujeitos da pesquisa.

curso noturno para ter a oportunidade de trabalhar durante o dia, porque estudando à tarde seria mais difícil pra conciliar os estudos com o trabalho. A escolha de Jane e Geruza por um curso noturno deve-se ao fato de já trabalharem quando ingressaram na universidade. Ao serem indagadas do por que não estão só estudando, as estudantes nos disseram respectivamente:

Porque não tenho condições de tá só estudando. Assim; quando eu comecei a trabalhar, queria ter meu dinheirinho, eu sempre quis ter minhas coisas, minha mãe mim dava, mas, dentro das condições dela. Aí resolvi vim do interior, morei com meu irmão um tempo, e depois comecei a morar sozinha (Rita).

Dinheiro. Por causa da renda familiar, não é o suficiente, e eu sempre tive essa vontade de querer ter o meu, pra não tá dependendo de ninguém (Jane).

Por que eu tenho que comprar as coisas que eu quero. Meus pais não tem condições de bancar tudo, é mais as despesas de casa, as minhas despesas próprias eu tenho que trabalhar pra pagar, é pra mim manter pessoalmente, não banco as coisas de casa não (Almira).

Porque pra estudar eu preciso ter condições, é apostila, é condução, alimentação, quer dizer e moradia porque as pessoas que pagam aluguel, é uma necessidade (Geruza).

Podemos inferir que o trabalho é primordial para essas jovens, uma vez que precisam manter suas necessidades pessoais e também custear as suas despesas na universidade. Sendo assim, desdobram-se entre as tarefas inerentes ao trabalho e aos estudos. Tais declarações confirmam os dados levantados por Corrochano em sua pesquisa realizada em 2006 nela a autora “revela que 35.940.374 de indivíduos (66%) da população jovem de 14 a 29 anos estão no mundo do trabalho, trabalhando ou em busca de trabalho” (2008, p.18). Destes, “8,4 milhões (15,4%), fazem uma combinação entre o trabalho e os estudos” (p.34).

Quanto a morar com os pais há um equilíbrio. Rita e Geruza não moram com os pais; a primeira mora sozinha e a segunda mora com o esposo. Enquanto Jane e Almira continuam residindo com os pais. Investigamos a participação das famílias no avanço dos estudos das entrevistadas, as mesmas nos relataram que a família é muito importante porque, sem ela ajudando principalmente financeiramente, comprometeriam ainda mais o seu percurso formativo, que já é acometido pela falta de tempo para ser estudante integral, denotando uma estratégia familiar. Uma vez que, à medida que elas trabalham para se manter, a família está sempre por perto dando suporte. Nossos achados refletem uma das formas de ser estudante,

exposta por Romanelli (1994), de acordo com esse autor, o estudante que trabalha, e continua usufruindo do sustento familiar, consegue planejar o futuro.

3.2. As alunas do curso de Pedagogia Noturno: como elas interpretam a sua vida cotidiana combinada entre trabalho e estudos.

Foi perguntado se o trabalho atrapalha os estudos das jovens estudantes de Pedagogia na universidade e as mesmas disseram:

Atrapalha porque eu poderia dar bem mais de mim, se eu tivesse condições só de estudar e assim você passa o dia todo ali trabalhando, quando chega a noite já tá esgotada (Rita).

Prejudica quando tem assim seminário que às vezes nem sempre é fácil dá uma saidinha. Acho chato tá pedindo ao meu chefe; olhe vai ter um evento, aí eu não gosto prefiro à noite, quando tem eventos, por exemplo quando o evento era aqui na UFS e eu via que tinha muita gente no setor eu pedia pra dar uma saidinha aí ficava pra assinar; assistir depois eu retornava, mas não dava pra fazer isso direto o fato de trabalhar aqui facilita questão de locomoção já tô aqui estudo, quando dá cinco horas, fecho o setor e fico estudando, depois vou lancha, depois vou pra aula (Jane)

Não. Não atrapalha, porque eu tenho a liberdade de dizer pra minha chefe, que eu não vou poder ir hoje porque eu vou pra um evento, eu tenho essa liberdade de poder faltar, se eu não trabalhasse nisso, atendendo uma criança que é autista, seria mais difícil, se fosse de carteira assinada, dificilmente iria liberar quando eu precisasse faltar, seria mais rigoroso (Almira)

Sim. Atrapalha pra eu conseguir chegar onde eu estou, tive que lutar muito, eu chegava muitas vezes tarde em casa pra ter que levantar na madrugada pra fazer comida, café da manhã, aí atrapalhava muito, não tinha tempo pra estudar, lia no ônibus, aí duía as vistas, dava dor de cabeça (Geruza).

Suas afirmações nos revelam as dificuldades que elas enfrentam, para conseguir avançar nos estudos. Vê-se no relato delas que o aluno que estuda e trabalha é limitado. A falta de disponibilidade de tempo os impede de participar de atividades como: projetos de pesquisa; de eventos; seminários e encontros que ampliam sua formação acadêmica. E diante desses problemas, vão traçando um caminho para superar as limitações, inerentes aos jovens que se desdobram entre o trabalho e a universidade.

Em seguida pedimos que as jovens descrevessem como é a vida universitária de um estudante trabalhador e as respostas foram:

É cansativa, Às vezes eu fico ah! se eu for em casa eu não volto, aí já venho direto do trabalho pra universidade. (Rita)

É bastante corrida, é bastante sofrida. E quando pega uns professores mais tranquilos que compreende; agora quando pega outros que... Agora eu não tiro a questão do professor ser rígido porque se deixar a gente solto, se deixa levar só pelo trabalho, esquece os estudos, relaxa. Tem que fazer um esforço ao máximo pra conseguir chegar ao nível daquele aluno que só é estudante, assim pra se sair bem também. (Jane)

Corrida, muito corrida, pra quem estuda e trabalha à tarde, tem que ter força de vontade. Nem sempre dá tempo tomar um banho e jantar. (Almira)

É corrida, é difícil, mas eu posso dizer, mas é importante, tem suas dificuldades, mas aquela força de vencer, e a gente ver que aquelas dificuldades veio pra... tem que ser perseverante e otimista, eu trabalhava em casa de família, terminava, pegava meu caderno e ia estudar (Geruza).

Suas afirmações nos revelam que a vida de um estudante trabalhador é marcada por muita determinação. À medida que seguem conciliando as duas tarefas, abrem mão de coisas que para muitos é insignificante como, por exemplo: tomar um banho e alimentar-se. Ao refletirmos sobre essa verificação, lembramos-nos de Araújo quando nos informa que “[...] o trabalho parece ter invadido todos os poros da vida, ocupando parte do tempo e das preocupações do trabalhador” (2009, p. 48).

Ao perguntarmos o que significa para elas serem trabalhadoras e estudantes universitárias na Universidade Federal de Sergipe; elas tiveram respostas elucidativas. A saber:

Guerreira porque é puxado, é complicado mais a gente dá um jeito. (Rita)

Desafio, superação. (Jane)

Significa que eu sou igual a maioria dos brasileiros que estão no ensino superior, que tem que se esforçar pra estudar e trabalhar. (Almira)

É tudo na minha vida. É algo muito importante, quem está aqui não é por acaso e faz valer a importância desse mérito, porque ser universitário é algo que todo mundo almeja, e sem falar os conhecimentos que a gente aprende aqui. Quando entrei aqui eu não sabia interpretar um texto, escrever um texto, com o tempo a gente aprende e se sente tão importante. Se sentindo nossa! É bom pra mim, incentiva e amadurece. (Geruza)

Suas respostas nos leva a pensar, que um jovem trabalhador que se dispõe a estudar, dedica-se ao máximo para atingir aquilo que propôs a si mesmo. E assim, seguem superando os desafios cotidianamente.

3.3. As alunas do curso de pedagogia: por que e para que construir estratégias para enfrentar as dificuldades na universidade?

Pedimos para que as jovens, falasse-nos a respeito das estratégias utilizadas para superar tais dificuldades e assim, disseram:

Ocorreu dificuldades com os estudos, mas conversando com as meninas uma ia ajudando a outra. (Rita)

Eu fui buscando forças pra estudar final de semana e domingo pela manhã sempre estudava pela manhã, quando eu via que não dava no final de semana eu acumulava aí no sábado fazia, aí eu fui me acostumando, trabalhar o dia todo e ir conciliando durante a semana no trabalho mesmo, pra não acumular (Jane)

Ai cheguei lá na universidade, era um texto pra outra semana, pra outra aula, era muita coisa, aí assusta, mas como eu não tinha começado a trabalhar, eu tive tempo pra eu conseguir me adaptar, eram muito conteúdo, leituras, que falava de um assunto que eu nunca tinha ouvido falar, pedia resenhas, artigo que eu nunca tinha visto, então eu aprendi a administrar o tempo, tem que ter hora pra cada coisa, também optei por trabalhar meio período que ganha menos, mas, também trabalha menos (Almira).

Logo quando eu iniciei eu tinha entrado na empresa, aí dinoite eu queria desistir da universidade porque eu não tava conseguindo conciliar, aí meu chefe botou um horário que achava razoável, aí eu voltava pro horário da madrugada e isso mim atrapalhava, eu dormia muito na sala de aula, eu mim sentia prejudicada, minha estratégia é aproveitar todo tempo possível, as folgas, finais de semana e assim vou levando, às vezes falto lá no trabalho pra participar de eventos (Geruza).

Suas falas evidenciam que à medida que as dificuldades vão aparecendo, elas otimizam o tempo, dedicam-se, recorrem à ajuda dos amigos, muitas vezes abdicam de momentos de descanso e lazer, e aceitam uma carga horária de trabalho reduzida com salário reduzido. Suas declarações concordam com o que coloca Mintzberg (2003), sobre estratégia. No seu entendimento trata-se da forma de pensar no futuro, integrada no processo decisório, com base em um procedimento formalizado e articulador de resultados, tal como nos apresenta as nossas estudantes entrevistadas.

As dificuldades presente na vida dos estudantes que vivem essa realidade, de ter que conciliar o trabalho com os estudos, nos incitou a perguntá-las o motivo que as levou a vivenciar essa situação de ajuste e limitações, e todas disseram que buscaram o ensino superior para ter uma vida melhor, ter reconhecimento social, melhorar as condições de trabalho e salário. Para Rita “ser graduada é algo, que daqui uns dias nem vai adiantar muita coisa, tem que continuar estudando para conseguir ficar no mercado de trabalho”.

A colocação de Rita nos remete a Charlot (2011, p.8) quando ele expõe que “Nos países “desenvolvidos”, até quem tem ensino médio completo mais sem estudos superiores ou diploma de formação profissional, encontra dificuldades para conseguir um emprego”. E também nos conduz a pensar no que afirma Zago: “[...] O ensino superior representa para esses estudantes um investimento para ampliar suas chances no mercado de trabalho cada vez mais competitivo” (2006, p.231).

Observamos em suas falas que o fato de serem trabalhadoras não as inibe perante os percalços da graduação, ao contrário as motiva a querer enfrentar a realidade que circunda o universo do estudante trabalhador e o seu desejo de modificar a sua realidade, é o propulsor que as leva a desdobrarem-se entre as duas ocupações no trabalho e na universidade.

Diante da pergunta: há alguma maneira especial para avançar nos estudos? As jovens mostraram-se determinadas, como podemos observar abaixo:

Eu corro atrás, tem gente que é muito acomodado. Eu mim dedico dentro das minhas limitações e possibilidades (Rita).

Eu aproveito o almoço que eu tenho duas horas aí eu almoço que eu vejo que não dá pra deixar pra depois eu adianto aí quando volto o horário de duas horas eu adianto o que tem de adiantar e depois eu fico livre aí eu vou pra internet adiantar algum trabalho (Jane).

Eu geralmente prefiro acordar mais cedo durante a semana e dividir minha manhã entre estudar, fazer almoço, e nos finais de semana estudo no sábado, no domingo estudo não (Almira).

Eu mim dedico (Geruza).

Percebemos que as jovens têm clareza daquilo que precisam fazer para conseguir êxito naquilo que vislumbram. Demonstrando assim, que trabalho e estudos são concebidos de acordo as condições que lhes permitem vivenciar a juventude. Essa constatação concorda como Spósito, ao abordar a relação entre escola e trabalho estabelecida pelos jovens. A autora afirma que “[...] para os jovens brasileiros, escola e trabalho são projetos que se superpõem ou poderão sofrer ênfases diversas de acordo com o momento do ciclo de vida e as condições sociais que lhes permitam viver a condição juvenil.” (2005, apud CORROCHANO et al.,2008, p.10).

As estudantes inquiridas nos falaram dos aspectos que as fizeram mudar o seu comportamento:

Mudei com relação a responsabilidade (Rita)

Dá mais valor aos meus esforços, relação financeira, e aqui eu vi também, quando eu só estudava e ajudava a minha mãe, mas o financeiro não era

assim, era mais pra ajudar, não tinha um salário certo, acho que depois eu passei a ter mais responsabilidade, questão de administrar não só o dinheiro, mas, assim fiquei mais organizada, aprendi a conciliar os tempo, os horários, agora é tempo pra isso, agora é tempo pra aquilo, que a vida não é só brincadeira né? (Jane)

Com certeza, um amadurecimento, ter mais responsabilidade, saber quanto vale o dinheiro, administração do tempo e do dinheiro (Almira)

Eu acho que a força de vontade, senão a coisa mais simples que aparecer vai lhe derrubar (Geruza).

Podemos entender com o decorrido que a mudança de comportamento é algo que ocorre à medida que vão traçando os meios de conciliação entre o trabalho e os estudos. Essa alteração em suas vidas nos lembra de Spósito (2000) quando ela define a juventude como “um momento do percurso de vida capaz de reter sua peculiar forma de vivê-lo e menos como mera etapa preparatória para a vida adulta (P.12)”.

As estudantes salientaram como fazem pra conciliar as atividades da universidade com o trabalho e como você faz pra realizar os trabalhos acadêmicos?

Utilizo os finais de semana, as noites quando eu chego mais cedo. Tem que dar um jeito e arrumar uma forma pra fazer, não tem jeito (Rita).

A maioria dos trabalhos eu faço aqui mesmo no setor, porque eu tenho internet, já vou fazendo rascunho, já vou elaborando aqui mesmo, também eu faço final de semana (Jane).

Eu separo a manhã pra estudar, à tarde vou trabalhar e à noite, eu vou pra UFS, divido as atividades por ordem de entrega, distribuindo na manhã e finais de semana (Almira).

Eu estudo nas folgas geralmente, ou então em sala de aula, ou então no ônibus quando tô trabalhando, o pessoal passando, e eu lá com a apostila lendo (Geruza).

Tais declarações confirmam a abordagem de Albornoz (2008), no que concerne ao esforço direcionado em função de um objetivo, nesse caso obter êxito enquanto estudante trabalhador.

[...] O trabalho do homem aparece cada vez mais nítido quanto mais clara for a intenção e a direção do seu esforço. Trabalho nesse sentido possui o significado ativo de um esforço afirmado e desejado, para a realização de objetivos; onde até mesmo o objetivo realizado, a obra, passa a ser chamado trabalho. Trabalho é o esforço e também o seu resultado: a construção enquanto processo e ação, e o edifício pronto (2008, p.11).”

Verificamos que as jovens entrevistadas, estabelecem estratégias como meio para conseguir êxito nos estudos. Para tanto, vão articulando-as, renunciando uma vida pautada no

deleite da juventude, usufruída por jovens, que embora sejam contemporâneos, vivem de forma diferenciada, por terem uma condição de vida favorecida e, portanto, não precisam trabalhar para manter-se financeiramente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos em nossa investigação que as jovens trabalhadoras, estudantes do curso de Pedagogia noturno da Universidade Federal de Sergipe, utilizam estratégias para conseguir permanecer no ensino superior. Notamos que há uma multiplicidade de estratégias, todas viabilizadas pelo esforço e determinação. Todavia projetam tais estratégias para conseguir êxito no curso, e assim, poderem mudar a sua condição de estudante trabalhadora, sem uma profissão definida, para uma profissional com formação específica.

Percebemos que as jovens conciliam os estudos com o trabalho, abdicando de vivenciar plenamente a juventude. Plenitude essa que não é vivenciada por todos os jovens, como comprova a nossa pesquisa. Pois, enquanto alguns têm a possibilidade de destinarem seus esforços somente em função da sua profissionalização e, por conseguinte dispõem de tempo para o lazer, sem as obrigações inerentes aos adultos, e só depois, após uma preparação profissional, adentram o mercado de trabalho; outros se profissionalizam e trabalham simultaneamente. Essa compreensão nos lembra de Guimarães (2008) quando ele fala que as formas de vivenciar o trabalho, variam a depender da classe social à qual os jovens são oriundos, e ele também fala de “juventudes” no plural, bem pertinente à nossa população pesquisada, que se mostraram diferentes dos jovens que não precisam trabalhar.

Concluimos que embora tenham uma ajuda financeira, as jovens pesquisadas não têm bens de consumo custeados pelas suas famílias, como por exemplo: roupas, sapatos, festas e aparelhos eletrônicos. Esse fato as levou a adentrar o mercado de trabalho, para poder usufruir dos bens de consumo. Portanto agem com afinco, mantendo o foco no seu objetivo de avançar nos estudos.

Entendemos que o motivo que levou as jovens estudantes de Pedagogia a vivenciarem uma vida dividida entre o trabalho e os estudos foi exatamente a necessidade de trabalhar para prover as suas necessidades pessoais, uma vez que suas famílias não possuem uma condição financeira que possa atender aos seus anseios juvenis. Concordamos assim, com Giordano (2000); para ele o trabalho proporciona a aquisição de elementos indispensáveis à sobrevivência.

Esperamos com a realização desse trabalho, promover uma reflexão, junto aqueles que se interessam pela categoria juventude, contribuindo assim, com a apresentação de dados, que expõem os problemas enfrentados pelos jovens trabalhadores, para conseguir êxito no ensino superior.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Condição Juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. 8ª reimpr., da 6ª ed. de 1994. São Paulo: Brasiliense, 2008. 102 p. (Coleção primeiros passos ; 171) ISBN 8511011714

ARAÚJO, Silvia Maria de e Outros. **Sociologia: um olhar crítico**. São Paulo: Contexto, 2009.

CHARLOT, Bernard. **Jovens de Sergipe: como são eles, como vivem, o que pensam**. Aracaju: Unesco, 2006.

_____ (org.). **Juventude Popular e Universidade**. São Cristóvão: Editora UFS, 2011, 192p.

CORREA, Silvio Marcus de Souza. O lugar do jovem no Brasil. In: MINISTÉRIO DA SAÚDE/FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Um olhar sobre o jovem do Brasil**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008, p.11-27.

CORROCHANO, Maria Carla... et al. **Jovens e trabalho no Brasil: desigualdades e desafios para as políticas públicas**. São Paulo: Ação Educativa, Instituto ibi, 2008.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. *Revista Educar*, nº 24. Curitiba: Editora UFPR, 2004, p.213-225.

FREITAS, Anamaria G. Bueno de. Et al. Retrospectiva Histórica do Curso de Pedagogia. In. ROLLEMBERG, Maria Stella; SANTOS, Lenalda Andrade (org) UFS – **História dos cursos de graduação**. São Cristóvão/ SE, 1999. P.179-199

FREITAS, Maria Virgínia de; ABRAMO, Helena Wendel; LÉON, Oscar Dávila (orgs.). **Juventude e Adolescência no Brasil: referências conceituais**. 2ª ed. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, Trabalho e Educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. **Juventude e Sociedade – Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.p: 180-216.

GIORDANO, BlancheWarzée. **(D)eficiência e trabalho: analisando suas representações**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2000.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Tradução: Heloísa Monteiro e Francisco Settinari. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMB, 1999.

MINTZBERG, Henry; LAMPEL, Joseph; QUINN, James B.; GHOSHAL, Sumantra. 2003. **"O processo da estratégia"**. Editora Bookman. 4ª Edição. Disponível, em [Google Books](#).

PAULO, Maria de Assunção Lima de. **Juventude rural: suas construções identitárias**. Recife. Ed. Universitária da UFPE, 2011 – (Teses e dissertações).

SANTOS, Lenalda Andrade. Da Dispersão á Unidade: o trajeto da UFS. . In. ROLLEMBERG, Maria Stella; SANTOS, Lenalda Andrade (org) **UFS – História dos cursos de graduação**. São Cristóvão/ SE, 1999. P.11-13.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC/PPGEP/LED, 2000, 118 p.

SPOSITO, Marília Pontes. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação. In: **Estado do conhecimento. Juventude e escolarização**. _____ (Coord.), 2000. Disponível em: <<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-leituras/WEBTECA/estado%20do%20conhecimento-%20juventude%20e%20escolarizacao.pdf>> Acesso em: 06 nov. 2013.

SOARES, Mariana Luiza Alves; SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. Reflexões acerca de ser um estudante trabalhador em uma universidade pública brasileira. In: **Revista Congresso Universidad**. Vol.11, nº 2, p.1-9, 2013, ISSN: 2306 – 918 X. Disponível em: <<http://www.congresouniversidad.cu/revista/index.php/congresouniversidad/article/view/164>> acesso em: 12 abril 2013

ZAGO, Nadir. **Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares.** *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2006, vol.11, n.32, pp. 226-237. ISSN 1413-2478. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a03v11n32.pdf>> acesso em: 08 dez 2013

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Prezado(a) aluno(a) sou estudante do 10º período do curso de Pedagogia Licenciatura Noturno e estou realizando uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso de graduação, que pretende identificar e analisar as estratégias utilizadas pelos estudantes de Pedagogia noturno para permanecer na universidade. Para tanto, necessito da sua ajuda para responder este questionário.

Preservaremos o seu anonimato, pois, utilizaremos nomes fictícios e os dados serão utilizados unicamente para uso acadêmico e científico. Desde já, agradecemos a sua colaboração.

QUESTIONÁRIO

PERFIL GERAL

NOME DO ENTREVISTADO	
IDADE	
ESTADO CIVIL	
CURSO	
SEMESTRE	
HORÁRIO DO CURSO	
REDE DE ENSINO ONDE ESTUDOU O ENSINO FUNDAMENTAL E O ENSINO MÉDIO	
DESENVOLVE ALGUMA ATIVIDADE/TRABALHO?QUAL?	

Você depende financeiramente de sua família?

Qual a escolaridade de sua mãe?

Qual a escolaridade de seu pai?

Como você classifica/considera sua família?

() classe alta () classe média () Classe média alta () Classe média baixa () Pobre

Declaro que as informações dadas por mim são verdadeiras e permito que estas sejam usadas para fins de pesquisa, estando a minha identidade preservada.

_____, ____/____/____

Grata por sua imensa contribuição!

E-mail: _____

Telefone: _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A pesquisa de conclusão de curso de graduação intitulada *Jovens Trabalhadores no Ensino Superior*, realizada pela graduanda do curso de Pedagogia Licenciatura Noturno da Universidade Federal de Sergipe tem por objetivo central investigar e analisar as estratégias utilizadas pelos jovens trabalhadores do curso de Pedagogia Noturno da Universidade Federal de Sergipe para permanecer no ensino superior, buscando traçar o perfil dos estudantes em questão. Sobretudo os que estudam no Campus São Cristóvão.

Para a coleta de dados serão utilizadas entrevistas narrativas que poderão ser gravadas, se houver consentimento dos participantes. É garantido aos participantes, total sigilo quanto ao seu nome e eventuais informações confidenciais. Os dados coletados serão analisados e divulgados por meio de um trabalho monográfico.

Diante disso, eu, _____,

C.I. _____, aceito participar da pesquisa *Juventude Trabalhadora e Ensino Superior*.

A minha aceitação é totalmente livre de qualquer tipo de constrangimento e se dá nas seguintes condições:

1. Pelo presente termo me disponho a participar da entrevista narrativa aplicada pela pesquisadora com vistas a subsidiar o trabalho por ela realizado;
2. Autorizo o uso desses dados para análise e elaboração de trabalho acadêmico.
3. Autorizo a divulgação dessa análise, em periódicos especializados, livros e em congressos científicos, desde que seja mantido o meu anonimato;
4. Possuo, a qualquer tempo, o direito de acesso às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para prestar os esclarecimentos que se fizerem necessários;
5. Possuo o direito de retirar-me da pesquisa no momento em que desejar;
6. Possuo a salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade dos dados informados;
7. Declaro haver lido o presente termo e entendido as informações fornecidas pela pesquisadora e sinto-me esclarecido para participar da pesquisa;
8. Tenho conhecimento de que em caso de quaisquer dúvidas sobre a pesquisa poderei entrar em contato pessoal com a pesquisadora ou, ainda, utilizar o seu email: vivissp@hotmail.com
9. Por ser verdade, firmo o presente.

Aracaju, ____/____/2014.

Nome legível do entrevistado: _____

Assinatura da Pesquisadora: _____

**Este documento possui duas vias, de igual conteúdo e validade, sendo que uma delas é destinada ao sujeito participante da pesquisa, sendo a outra arquivada pela pesquisadora.*

ROTEIRO DE ENTREVISTA

I- JOVENS, TRABALHO E FAMÍLIA

Sempre estudou à noite?

Trabalha desde qual idade?

Por que não está só estudando?

Você mora com seus pais? Sua família te ajuda de alguma forma para você poder avançar nos estudos? Como? Se sim, o seu trabalho tem alguma relação com essa ajuda?

II- A RELAÇÃO TRABALHO E UNIVERSIDADE

O seu trabalho atrapalha os seus estudos na universidade?

O quanto sua família contribui para a sua permanência na universidade? Pode explicar?

Quantas vezes prestou o vestibular?

O fato de trabalhar prejudica a sua participação em atividades extra? Se sim o que você faz?

Como foram os seus primeiros tempos na UFS? Houve dificuldades? Se sim, quais? O que fez? Quais estratégias utilizou, para superar as dificuldades?

Reprovou em alguma disciplina? Se sim; o que fez para superar?

Qual o papel dos professores nessa sua trajetória acadêmica?

Há alguma maneira especial para conseguir avançar no curso?

Descreva como é a vida universitária de um estudante trabalhador.

Você acha que os colegas contribuem para a sua permanência na universidade? E os professores?

Em sua opinião, quais as maiores dificuldades para se manter na Universidade?

Já pensou em desistir do curso que está fazendo? Se sim, por quê?

Esta experiência de ter que estudar e trabalhar fez você mudar o seu comportamento? Em quais aspectos?

Como você descreveria a atuação de sua família na sua trajetória acadêmica?

A que você atribui a sua permanência na UFS?

Quais elementos contribuíram para que você conseguisse êxito até agora?

Quais as diferenças entre o tempo que você somente estudava e a sua vida agora?

Como faz para conciliar as atividades da universidade com o trabalho?

Como você faz pra realizar os trabalhos acadêmicos?

O que significa para você: ser trabalhador e estudante universitário na Universidade Federal de Sergipe?